

Usos do passado ontem e hoje: as memórias do “Catálogo das Naus” da *Ilíada* e os processos de construção de identidades helênicas.

Leticia Batista Rodrigues Leite *

« Il n'y a pas de paradis ni pour la mémoire ni pour l'oubli. Rien que le travail de l'une et de l'autre, et des modes de travail qui ont une histoire. Une histoire à faire » (DETIENNE, 1981: 14)¹

1- Considerações iniciais:

Da Antiguidade até os nossos dias, diferentes processos de representação e, portanto, de construção do presente, são postos em prática, seja por intermédio de suportes iconográficos vários, seja através de diversas práticas discursivas grafadas ou orais – e no que se refere à oralidade, deve-se levar em conta que sua materialização coloca em jogos aspectos corporais como a voz e os gestos da pessoa que enuncia. A feitura mesmo e a inteligibilidade destas representações, por sua vez, dependem da instrumentalização de códigos que sejam partilhados por uma comunidade, ou ao menos por parte dela. Estes códigos possuem materialidades que vão se formando e se transformando - e dando lugar à criação constante de convenções que regem seus usos – e, naturalmente contam eles mesmos com uma historicidade. Consequentemente, toda e qualquer prática iconográfica e/ou discursiva encontra-se em diálogo, explícito ou não, com representações outras construídas em um tempo outro que não o agora: o passado.

Este ininterrupto diálogo posto incessantemente em prática por indivíduos que atuam no agora, alternada e simultaneamente confirmam e infirmam representações vociferadas ou silenciadas outrora. Assim, será sempre a partir de um embate vivo entre uma pluralidade de representações que os tempos presentes, ou melhor os indivíduos que neles vivem, agem de um lado, no sentido de lutar em prol da permanência daquelas que julgam aptas, isto é, úteis, e que portanto permanecerão como “memória”; para por outro lado refutarem e relegarem à sombra e ao silêncio do “esquecimento”, aquelas que em um dado momento e contexto

* Doutoranda pela *Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne*. Mestre em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas. Bolsista Capes – Doutorado Pleno.

¹ Não há paraíso nem para a memória nem para o esquecimento. Não há nada além do trabalho de uma ou de outra e modos de trabalho que têm uma história. Uma história a se fazer. (Todas as traduções aqui apresentadas, salvo indicação, são de minha autoria).

julgam não convir. O produto deste embate incessante é, ‘curiosamente’ a noção de verdade. Para este sentido apontam, entre outros, as reflexões levadas a cabo, a partir do final de década de 1960, pelo helenista Marcel Detienne (DETIENNE, 1960; 1967), assim como pelo filósofo Michel Foucault (FOUCAULT, 1971).

M. Detienne, buscando traçar uma história da noção de verdade, e partindo de uma análise minuciosa de discursos aos quais o ocidente moderno habituou-se a chamar de “mito”/“mitologia” (DETIENNE, 1981), colocou-nos frente a uma noção de verdade cujo oposto não seria, de imediato, a noção de mentira. A *Alètheia* (ἀλήθεια) nada mais seria que uma espécie de “zona intermediária”, nunca fixa, entre o que os indivíduos de um dado momento histórico optam por guardar como memória e por negligenciar como esquecimento (Λήθη) (VIDAL-NAQUET, 1967: 45-46; DETIENNE, 1967: 7-39; CHANTRAINE, 593-594). M. Foucault, por sua vez, também chamava atenção para o fato de que, ao considerarmos os textos dos poetas gregos até o século VI a.C., notamos que a validação de um discurso como verdadeiro, passa antes por considerarmos dois fatores: quem atua como seu agente enunciativo e segundo quais ritos e normas este discurso é posto em ação (FOUCAULT, 1971: 17).

Isto quer dizer que, no contexto de produção oral, e mesmo depois de um primeiro momento de (re)surgimento e expansão da escrita², o que impulsionaria a criação e a transmissão, isto é, a perpetuação de um discurso, era a sua eficácia eventual e presente, e não um seu valor absoluto e atemporal como verdade em oposição ao que seria falso, mentiroso. É, pois, nesta perspectiva que acreditamos que devam ser considerada os célebres versos da *Teogonia* (27-28): “Sabemos muitas mentiras (ψεύδεα) dizer semelhantes a coisas autênticas/ E sabemos, quando queremos, verdades (ἀληθεα) proclamar”³. Versos que, de acordo com o próprio enunciativo, Hesíodo, nomeado no e pelo poema, teriam sido ditos pelas Musas, as filhas da deusa Memória (*Mnèmosynè*) (CALAME, 2000: 90-100). É também levando em conta esta mesma perspectiva, que consideraremos aqui os conjuntos de versos que acabaram por compor os dois grandes poemas ditos homéricos: *Ilíada* e a *Odisséia*.

² São inúmeras as discussões em torno do (re)surgimento e expansão da escrita alfabética na Grécia. Cf., entre outros: HAVELOCK, 1981.

³ Tradução de Jacyntho Lins Brandão (BRANDÃO, 2000).

Dito isto, queremos explicitar que partilhamos e partimos aqui de uma perspectiva que considera a *Ilíada* e a *Odisséia* como espécies de “produtos finais” de uma longa história (DUÉ, 2009). Processo que, grosso modo, pode assim se descrever⁴: (1) há uma primeira fase em que estes ainda não haviam sido grafados, mas eram compostos e transmitidos por intermédio de uma série de (re)composições orais dos mesmos em *performance*. Esta fase compreende um estágio de alta fluidez (XII-VIII a.C. (primeira metade)), seguido do momento de uma primeira estabilização (VIII a.C. (segunda metade) - VI a.C. (primeira metade)); (2) segue-se um momento em que os poemas começam a ser objeto de uma normalização no que concerne a sua recitação (VI (segunda metade)- IV a.C. (primeira metade)). Os poemas começam a ser fixados por escrito. Os papiros de que dispomos, no entanto, remontam ao século III a.C.; (3) num terceiro momento, em que aparentemente já existem vários registros escritos dos poemas, tem início os trabalhos de edição levados a cabo pelos gramáticos da Biblioteca de Alexandria (IV (segunda metade) -II a.C.); seguem-se as edições dos manuscritos medievais⁵; e finalmente, no final do século XV, surge a primeira edição impressa e a qual se seguirá outras tantas (NAGY, 1996: 138-139). O século XXI, por sua vez, pleiteará mesmo por edições eletrônicas e multimediais. Edições que possam deixar explícitos e disponíveis aos leitores os traços desta fluidez inerente ao processo de composição e transmissão dos poemas homéricos⁶.

Isto posto, é relevante destacar ainda, que o processo de composição e fixação dos poemas homéricos compõe-se de um conjunto de ações que atendem, em variadas medidas, às demandas de diversos interesses em voga ao longo do mesmo. Assim, não é nada fácil a tarefa de análise dos vários atos de recepção - sejam eles antigos ou modernos - envolvendo estes poemas. No que concerne aos atos antigos ligados à história dos poemas/textos homéricos, não por acaso costumam aparecer como protagonistas de uma sua organização e/ou

⁴ Uso como referência a divisão organizada em cinco períodos feitas por Nagy, 1996, assim como levo em conta as considerações presentes em DUÉ, 2009. A partir destes trabalhos é que proponho esta organização em quatro grandes momentos, que é, no entanto, de minha inteira responsabilidade.

⁵ Existem cerca de 200 manuscritos medievais da *Ilíada*. No que se refere a este poema o destaque é o manuscrito do século X, conhecido pelo nome de Venetus A, exemplar mais antigo contendo o texto completo da *Ilíada*. Além disso, trata-se de um manuscrito luxuoso cujas páginas, para além do poema, trazem comentários relativos ao mesmo (*scholia*), entre outros detalhes gráficos e pictóricos. Para uma consideração detalhada destes aspectos cf. BLACKWELL ; DUÉ, 2009 e KALAVREZOU 2009.

⁶ Cf. “The Homer Multitex Project” - Center of Hellenic Studies, Harvard University: http://chs.harvard.edu/chs/homer_multitex.

escritaprimeira, figuras políticas tais como Sólon, Licurgo e Pisístrato ou seu filho Hiparco (RITOÓK, 1993). Disto dão testemunho, entre outros, os textos de autores posteriores tais como Platão (*Hiparco*, 229-229) e Plutarco (*Vida de Licurgo*, IV, 4) – respectivamente séculos IV a.C., II d.C. Ademais, de toda esta complexidade testemunham ainda os relatos trazidos pelos textos que versam sobre a “Vida de Homero” (NAGY, 2004).

Outro sintoma desta complexidade ecoa por intermédio de uma outra constatação feita por alguns autores de mesmo no que se refere a um *corpus* homérico, este passaria a ser claramente delimitado *allíada*, a *Odisséia* – e, por vezes aos Hinos Homéricos –, apenas a partir do século IV a.C.⁷ (MOST, 1990: 48; 2002: 9) No que se refere, por sua vez, à existência de Homero, se ao longo de toda a Antiguidade não paira a menor dúvida que se refere a mesma, pairam dúvidas sobre todo e qualquer fato relativo a sua biografia (GRAZIOSI, 2002). Quanto a Modernidade, se pelo menos desde o século XVII surge semelhante dúvida⁸, e se ela reaparece posteriormente sob outras roupagens (NORMAN, 2005: 73-76), não obstante parece ser mais forte a certeza de que Homero, sem sombra de dúvidas, existe como pai e encarnação paradigmática de uma função suprema: a função de autor (BLAISE, 2009; FOUCAULT, 1969). Função que garantiria, para além de autoridade, uma coerência discursiva e quiça positiva.

Não por acaso, e deste lugar sempre enigmático, Homero e/ou (ecos) das narrativas a ele atribuídas têm se constituído como elementos onipresentes no âmbito das representações discursivas produzidas nos mais variados contextos e presentes. Homero, “o poeta” (ὅποιητής), é, por excelência, nome incontornável no decorrer de toda a Antiguidade grega e romana. Autoridade que, senão todos, ao menos os mais conhecidos autores da Antiguidade nos dão testemunho, na medida em que a invocam inúmeras vezes, seja no sentido de exaltar Homero, seja para criticá-lo – como é o caso da célebre e polêmica crítica presente nos segundo, terceiro e décimo livros da *República* de Platão relativa à poesia e, claro, à poética homérica. Mas mesmo em Platão, não obstante, Homero é o poeta mais citado e/ou aludido ao longo de todo seu *corpus* do qual dispomos hoje (LABARBE, 1949). É, pois, para tal situação

⁷ Pausânias, IX, 21, 3-6, 25, 1-5.

⁸ Abbé d’Aubignac, nas suas *Conjectures académiques*, 1666-1670, afirmaria sua crença de que Homero seria uma ficção criada pelo interesse por parte dos primeiros professores de letras. Homero teria sido inventado pela necessidade que os gramáticos gregos tinham em apoiar-se num modelo de autoridade pronto a justificar sua pedagogia.

que aponta Félix Bouffière, ao dizer que: “ Não é estranho que, nutridos pelo leite de Homero, os escritores gregos atribuam ao seu velho poeta uma extrema autoridade; que eles façam sem cessar apelo a ele, um pouco como os cristãos às santas escrituras.”⁹(BUFFIÈRE, 1956:11).

Nesta perspectiva não é nada difícil compreender que, ainda que em diferentes medidas e termos, historiadores do século V a.C. tais como Heródoto e Tucídides, mesmo ponderando acerca do uso dos poemas homéricos como fontes de informação histórica, não obstante façam amplo uso desta autoridade da qual este poeta encontra-se investido (VERDIN, 1977). Ademais, é importante destacar que no que se refere à matéria narrativa produzida na Antiguidade à época deste dois autores, nossa perspectiva de classificação entre gêneros histórico e poético/mito é pouco eficaz. Pois, se a nossa bússola taxonômica parece ser regida sobretudo por uma estreita noção de verdade (oposta ao falso) e exatidão – para qual já chamamos atenção acima; os gregos, tais como Heródoto e Tucídides, parecem primar por outros parâmetros: ambos pautam-se antes, numa verossimilhança teológica e moral demandada pelos diferentes contextos históricos e discursivos no âmbito dos quais suas respectivas narrativas são construídas (CALAME, 1998: 9). Assim, cada um a sua medida, preocupa-se antes de tudo em mencionar tudo o que é importante a ser lembrado em prol de construir suas próprias narrativas. E, desprovidos que estão de uma autoridade pautada e assegurada por inspiração divina – como era o caso das narrativas ditas homéricas e hesiódicas -, não obstante, constroem sua própria autoridade narrativa na medida em que tecem diálogos com outras fontes, estas, por sua vez, pautadas na autoridade de algo ou de alguém.

Ora, o objetivo desta comunicação é apresentar algumas peças do estudo de caso que se configura como o objeto do meu doutorado. Trabalho que se dedica, grosso modo, a analisar as recepções, as memórias, os diferentes usos que, desde a Antiguidade, tem sido feito do conjunto de 275 versos (484-759) que forma parte do segundo canto da *Ilíada*. Conjunto de versos que, em *continuum* com os outros 117 versos que formam esse canto¹⁰, pelo menos

⁹ « Il n'est pas étrange que, nourris au lait d'Homère, les écrivains grecs dans l'ensemble, attribuent à leur vieux poète une autorité extrême ; qu'ils fassent sans cesse appel à lui, un peu comme un auteur chrétien aux saintes écritures ».

¹⁰ Os versos 816-877 apresentam o chamado “Catálogo Troiano”, formado por dezesseis entradas. Este catálogo apresenta as tropas aliadas que lutaram contra a armada grega, e é bem menos detalhado que o catálogo grego. Ele não apresenta, por exemplo o número de naus levadas por cada grupo. Por este e por outros motivos foi

desde o século V a.C., com Tucídides, tem sido chamado de “Catálogo das Naus”(THUCYDIDE, I, 10.4.).Acredita-se que tal estudo, feito a partir da obra de diferentes autores, permita uma investigação mais precisa dos mecanismos de apropriação, de usos de discursos passados, que cada um coloca em ação de modo a configurar de modo mais eficaz seus respectivos discursos. Não há pois, - ao contrário do que foi feito em vários estudos modernos -, esforço algum em procurar associar ou acomodar a geografia e os demais dados apresentados no Catálogo: seja a uma situação geopolítica precisa e da qual Homero pretensamente partiria; seja ao restante dos versos que compõem o poema como forma de atestar ou não uma sua dependência e/ou antecedência com relação ao todo (ALLEN, 1921; GIOVANNINI, 1969; HOPE SIMPSON and LAZENBY, 1970; KIRK, 1985).

2- Breves considerações acerca de usos do “Catálogo” em Heródoto, Tucídides e Estrabão:

O “Catálogo das Naus”, ou mais precisamente, o “Catálogo Grego” apresenta uma lista dos diferentes povos que, ainda no décimo ano de guerra, lutam em conjunto contra os troianos. Assim, o “Catálogo” trata-se de uma enumeração que, organizada em 29 entradas, apresenta os diversos contingentes vindos de diferentes regiões, para cada qual são apresentados os nomes dos chefes, o números de naus e eventualmente de combatentes. Cada entrada apresenta, eventualmente ainda, características geográficas as mais variadas destas regiões, assim como anedotas que podem trazer digressões as mais diversas acerca do passado da região ou de seu chefe. Ademais, é possível dizer que tal lista constitui-se como uma espécie de carta geopolítica, um “documento de primeira ordem para uma geografia histórica da “Grécia homérica” enunciada em forma de versos(JACOB, 1991:31).

Não por acaso, por conseguinte, o “Catálogo” tem sido evocado como testemunho, fonte de informações, seja por autores da Antiguidade, seja por estudiosos da Modernidade, e são justamente estas evocações que se constituem como nosso *corpus* de análise. Conjunto evidentemente plural, uma vez que estes autores encontram-se inseridos em diferentes

considerado por alguns comentadores como tendo uma “origem” distinta do catálogo grego. (MAZON, 1943: 154).

momentos históricos. Assim, busca-se examinar como cada momento faz necessária a evocação, o uso destes versos atribuídos a Homero como lugar de memória cuja representação do passado é reativada, ressignificada de modo a justificar seu uso como componente das produções discursivas e das situações sociais dentro das quais estas atuam.

Neste sentido, é interessante chamar atenção para o fato de que, se em Heródoto há interessantes alusões a Homero e a sua autoridade (HERODOTE IV, 28-29), não muitas são as alusões explícitas feitas especificamente aos versos que compõem o “Catalogo das Naus” (HERODOTE VIII, 161). Contudo, a presença do gênero catalogal neste autor é bastante notável. Isto reforça a filiação intelectual que este autor mantém com relação a uma “tradição catalogal” que remonta aos poemas homéricos e de Hesíodo [PAPADOPOULOU-BELMEHDI, 2006: 3-6].

Em Tucídides, por sua vez, a alusão a este conjunto de versos ocupa lugar notório (MARCOZZI; SINATRA; VANNICELLI, 1994:172-171). Dentre estas evocações, citaremos e comentaremos brevemente uma, a título de exemplo:

Há ainda um outro sinal de fraqueza que teria marcado os tempos antigos, e este não é negligenciável; antes da guerra de Tróia, não encontramos nada que a Hélade tenha até então realizado em conjunto. 2 Mesmo esta designação, ao que me parece, ainda não era empregada para designar este território como um todo: antes de Helen, filho de Decaulião, parece que esta nomeação ainda não existia; existiam apenas povoados [ἔθνη] – alguns, como os pelasgos, asseguravam a difusão do seu próprio nome; depois que Helen e seus filhos tornaram-se poderosos na região da Fítia, algumas outras cidades passaram a reclamar esta designação a fim de serem ajudadas e, uma vez criadas estas relações, o nome Helenos passou a alastrar-se entre os povos; contudo, apenas muito tempo depois este nome se impôs para todos. 3 A melhor prova disso encontramos em Homero [Τεκμηριοῖδὲ μάλιστα]. Ele, que viveu em época bem posterior à guerra de Tróia, não utilizou em parte alguma esta designação para o conjunto; Homero a aplica apenas para designar os companheiros de Aquiles, vindos da Fítia, e que foram justamente os primeiros helenos. Ele emprega nos seus poemas os termos Dânaos, Argivos e Aqueus. Além disso, ele tampouco utilizou a palavra bárbaros, isto porque, a meu ver, os gregos ainda não haviam se agrupado sob um denominação única a qual aquele poderia se opor. 4 De todo modo, aqueles que sucessivamente foram recebendo a designação de Helenos, a princípio cidade por cidade, à medida que as pessoas se compreendiam umas às outras, e mais tarde de maneira geral, não realizaram feito algum em conjunto antes da guerra de Tróia: sua fraqueza e a ausência de relações entre eles os impediram. 5 E mesmo esta expedição os reuniu apenas por um tempo (...).” (THUCYDIDE, I, 3, 1-5)

Citação particularmente interessante, não apenas por fazer uma clara alusão ao conteúdo dos versos que formam o vigésimo primeiro contingente do Catálogo, mas em

especial por evocá-lo no âmbito de uma discussão cujo objetivo é corroborar a tese central defendida por Tucídides com vistas a valorizar sua própria narrativa: a ideia de que até a Guerra do Peloponeso nenhum outro grande evento histórico havia sido empreendido pelos gregos. E se, por um lado Tucídides reconhece a guerra de Tróia – tema que embala os poemas ditos homéricos: a *Iliada* e a *Odisséia* - como um evento tão histórico quanto o evento ao qual ele dedica sua narrativa; por outro lado, ele ressalta que este último, embora grandioso, contudo não se trata de um evento empreendido em conjunto pelos helenos/gregos, uma vez que, de acordo com o historiador, esta designação seria posterior ao mesmo. Conclusão que Tucídides defende evocando como apoio o próprio testemunho oferecido pelos versos homéricos, visto que nestes o termo “Helenos” não aparece para designar o conjunto dos gregos, mas apenas os companheiros de Aquiles. Homero, sublinha Tucídides, teria se valido de outros três termos quando queria indicar o conjunto de combatentes: Dânaos, Aqueus e Argivos. Por fim, e como consequência desta ausência, o autor defende que em Homero tampouco teríamos a noção oposta de “bárbaros”.

Isto posto, queremos destacar o fato de que encontraremos uma curiosa retomada destas mesmas referências a Homero e ao Catálogo séculos depois, evocadas por Estrabão no âmbito da sua *Geografia*, composta no século I d.C. Ademais, este autor retoma a problemática em torno da denominação dos gregos como identidade coesa, aludindo à parte da passagem supracitada de Tucídides, ao mesmo tempo em que evoca os nomes e argumentos de outro autor: Apolodoro. Sendo que, este último, segundo Estrabão, para além de citar um verso do “Catálogo das Naus” em sua defesa, contudo apresentava Hesíodo e Arquíloco, poetas que teriam vivido no século VII a.C., como contraponto de sua própria percepção relativa à abrangência mais antiga dos termos “Hélade”, “Helenos” e “Panhelenos”. Vejamos:

Os termos Hélade, Helenos e Pan-helenos, são objetos de discussão. Tucídides diz que Homero em parte alguma nomeou os bárbaros, uma vez que os Gregos não seriam ainda designados por um termo único, e portanto, como um grupo distinto e oposto àqueles; Apolodoro chega a afirmar que por Helenos, ele entendia apenas uma referência ao gregos que ocupavam a região da Tessália:

Eles eram chamdos Mirmidões e Helenos[II. II, 648],

Mas que Hesíodo e Arquíloco já sabiam que os termos Helenos e Pan-helenos designavam o conjunto dos gregos (...). (STRABON, VIII, 6,6)

Dentro deste complexo diálogo tecido por Estrabão nesta passagem, chamaremos atenção para o fato de que aí aparecerá um termo ausente na argumentação de Tucídides, assim como aparentemente também ausente da argumentação desenvolvida por Apolodoro: trata-se do termo “Pan-helenos”. Noção que segundo Estrabão, ao lado dos termos “Helenos” e “Hélade”, são ainda em seu tempo objetos de muita discussão. Não por acaso talvez, pois, estes três termos constituirão objetos de discussão para muito além da Antiguidade.

Dito isto, façamos as seguintes observações: o termo “Helenos” (Ἕλληνες) ocorre apenas uma vez no âmbito dos textos atualmente atribuídos a Homero, e esta ocorrência como já vimos, encontra-se num dos versos que forma o chamado “Catálogo das Naus”. A isto se soma o fato de que o termo “Pan-helenos” (Πανέλληνες), por sua vez, encontra não apenas a sua única ocorrência na *Ilíada*, mas também a sua mais antiga aparição, num dos versos que forma este mesmo conjunto (II, 553). Por fim, o termo “Helas” (ὄλλοδα), ainda que o encontremos num total de quatro vezes ao longo da *Ilíada* (2.683, 9.395, 9.477, 16.595), tem uma de suas ocorrências também num dos versos que formam o “Catálogo”.

Como consequência disto, tem sido comum que alusões ao “Catálogo” também constituam presença obrigatória no âmbito dos trabalhos dos estudiosos modernos que se dedicaram a investigar acerca do processo histórico de construção de uma identidade comum, que em dado momento passaria a ser criada e ressignificada por e entre os gregos (Lévy (1991); Konstan (2001); Hall (2002)). Mas não só. O “Catálogo” tem se constituído há muito como objeto em torno do qual comentadores antigos e a historiografia moderna vêm construindo uma verdadeira querela. Querelas estas que, conseqüentemente, retomam as outras tantas discussões que envolvem a figura de Homero e os poemas mais comumente a ele atribuídos (*Ilíada* e *Odisséia*): quando e por quem eles teriam sido compostos, quando, se teriam sido compostos e transmitidos sob forma predominantemente oral ou escrita, entre outras (GRAZIOSI, 2011; 2012).

Neste sentido, e a depender das respostas a estas questões oferecidas pelos diferentes autores, diversas são também as interpretações especificamente relativas ao “Catálogo”: teria sido este conjunto de versos compostos por Homero? Ou teriam sido emprestados de outras fontes? Eles sempre ocuparam a atual posição que ocupam no conjunto do poema homérico? Esta carta geopolítica tratar-se-ia de uma representação histórica relativa a qual período:

micênico, geométrico, arcaico? Ou seria uma espécie de bricolagem de todos estes?(ALLEN, 1921; GIOVANNINI, 1969; HOPE SIMPSON; LAZENBY, 1970; KIRK, 1985).

Por entendermos, pois, que o estudo das diferentes recepções do “Catálogo das Naus”, trata-se de um ângulo de ataque novo, face a um objeto de análise que proporciona abertura para um espaço de discussões rico e variado, é que propomos a realização deste trabalho. Tese que, ademais, parte da hipótese geral de que os usos políticos dos poemas homéricos que os constituem como singulares lugares de embates de memórias são, para além da sua qualidade estética, em grande parte os responsáveis pela configuração de Homero enquanto figura de extrema de autoridade (MOST, 1990).

Hipótese geral que quer ser sustentada pela exploração de uma hipótese particular: a de que os usos dos “Cátalogo” ao longo da antiguidade servem como rico espaço de exploração de tal hipótese. Usos que são concretizados por intermédio de alusões ou menções diretas ao mesmo presentes em autores como: Heródoto, Tucídides, Estrabão, Pausânias, Plutarco, entre outros testemunhos presentes nos esparsos comentadores antigos (ERBSE, 1969-1988; KAHLES, 1976).

O “Catálogo das Naus”, pois, é entendido como texto vivo, seja ao longo dos contextos de suas performances e transmissões no período antigo, seja quando tomado como argumento no âmbito dos estudos modernos. Texto e gênero vivo e ativo, na medida em que toma parte na construção de memórias histórico-poéticas outras. Memórias aqui entendidas como agentes que atuam em permanência nos processos de (re)elaboração de identidades culturais e políticas de ontem e de hoje (PERCEAU, 2008; GRAZIOSI, 2012).

Referências bibliográficas :

Fontes antigas :

HERODOTE, *Histoires*, éd. et trad. Ph.-E. LEGRAND. Paris: CUF, 1930-1964.

HOMÈRE, *L'Iliade*, éd. et trad. MAZON, P. Paris : CUF, t. I et t. II 1937, t. III et t. IV 1938.

PAUSANIAS, *Description de la Grèce*, éd. par M. CAZEVITZ et trad. par J. POUILLOUX, Paris: Les Belles Lettres, t. I (Livre I) 2002.

_____, *Description of Greece*, eds. by J. HENDERSON and trans. by W. H. S. JONES, Cambridge: The Loeb Classical Library, I (Books I-II) 2004, III (Books VI-VIII. 21) 2002, IV (Books 8.22-10) 1935.

_____, *Description of Greece*, ed. by J. HENDERSON and trans. by W. H. S. JONES and H. A. ORMEROD, Cambridge: The Loeb Classical Library, II (Books III-V) 2006.

PLATON, *République*, éd. et trad. E. CHAMBRY, Paris (Les Belles Lettres), t. VI (Livres I-III) 1957, rééd. Paris 2012.

_____, *République*, éd. et trad. E. CHAMBRY, Paris (Les Belles Lettres), t. VII (Livres VIII-X) 1957, rééd. Paris 1964.

_____, « Hipparque », *Dialogues Suspects*, éd. et trad. SOUILHÉ, Joseph, Paris (Les Belles Lettres) 1930, rééd. Paris 1981, p. 59-71.

PLUTARQUE, « Lycurque », *Vies*, éd. et trad. R. FLACELIÈRE, Paris (Les Belles Lettres), t. I, 1964, p. 109-166.

STRABON, *Géographie*, éd. et trad. BALADIÉ, R. Paris: Les Belles Lettres, t. I (Livre I) et V (Livre VIII) 1978, t. VI (Livre IX) 1996.

_____, *Géographie*, éd. et trad. LASSERRE, F. Paris: Les Belles Lettres, t. VII (Livre X) 1971.

THUCYDIDE, *La Guerre du Péloponnèse*, éd. et trad. ROMILLY, J. de. Paris: Les Belles Lettres, t. I (Livre I) 1983, rééd. Paris 2003.

_____, *La Guerre du Péloponnèse*, éd. et trad. WEIL, R. de. Paris: Les Belles Lettres, t. III (Livre III) 1967, rééd. Paris 1990.

Obras de referência:

CHANTREINE, Pierre, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque : histoire des mots*, Paris : Klincksieck, 1968-1980, rééd. Paris 2009.

ERBSE, H. (éd.), *Scholia Graeca in Homeri Iliadem (scholia vetera)*. Berlin (De Gruyter), vols. 1-5, 7 : I 1969 ; II 1971 ; III 1974 ; IV 1975 ; V 1977 ; VII 1988.

MAZON, P., *Introduction à l'Iliade*, Paris (Les Belles Lettres) 1943, rééd. Paris 2002.

Obras Modernas

- Comentários (Catálogo) :

ALLEN, T. W., *The Homeric Catalogue of Ships*, Oxford: 1921.

GIOVANNINI, A., *Étude historique sur les origines du Catalogue des Vaisseaux*, Berne : 1969.

HOPE SIMPSON, R.; LAZENBY, J. F., *The Catalogue of Ships in Homer's Iliad*, Oxford: 1970.

KIRK, Geoffrey S. (éd.), *The Iliad: A Commentary*, vol. I (chets I à IV), Cambridge: 1985.

- Estudos diversos:

BLAISE, M., "Homère n'a jamais existé", dans MOST, G.; NORMAN, L. F.; RABAU, S. (dir.), *Révolutions homériques*, Pise : Edizioni della Normale, 2009, p. 99-105.

BUFFIÈRE, F., *Les mythes d'Homère et la pensée grecque*, Paris : Les Belles Lettres, 1956.

DARBO-PESCHANSKY, C. (dir.), *La citation dans l'antiquité* (Actes du colloque du PARSA, ENS LSH, 6-8 novembre), Lyon, 2012. p. 291-300.

_____, (dir.), *Métamorphoses du mythe en Grèce antique*, Genève : Labor et Fides, 1998.

- CALAME, C., *Le récit en Grèce ancienne*, Paris : Belin, 2000.
- BRANDÃO, J. L., “As musas ensinam a mentir(Hesíodo, Teogonia, 27-28)”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, n. 2, Portugal 2000, p. 7-20. Disponível em : <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/musas.pdf>.
- DETIENNE, M., « La notion mythique d’Alètheia », *Revue des études grecques*, t. LXXIII, 1960, p. 27-35.
- _____, *Les Maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*, Paris 1967, rééd. Paris 2006. A paginação indicada refere-se a edição de 2006.
- _____, *L’invention de la mythologie*, Paris : Gallimard, 1981, rééd. Paris 2012. A paginação indicada refere-se a edição de 2012.
- DUÉ, C., “EpeaPteroenta : How we came to have our Iliad“, in DUÉ, Casué (éds.), *Recapturing a Homeric Legacy : Images and Insights from the Venetus A Manuscript of the Iliad*, Cambridge, Massachusetts, and London, 2009, p. 19-30.
- DUÉ, C; BLACKWELL, C. W., “Homer and history in Venetus A”, in DUÉ, Casué (éds.), *Recapturing a Homeric Legacy : Images and Insights from the Venetus A Manuscript of the Iliad*, Cambridge, Massachusetts, and London, 2009, p. 1-18.
- FOUCAULT, M., « Qu’est-ce qu’un auteur? », *Dits et écrits I (1954-1975)*, Paris [1969] 2001.
- _____, *L’ordre du discours*, Paris : Gallimard, 1971, rééd. Paris 2012. A paginação indicada refere-se a edição de 2012.
- GRAZIOSI, B., *Inventing Homer: the early reception of epic*. Cambridge 2002.
- _____, “The ancient reception of Homer”, In: HARDWICK, L.; STRAY, C. (eds.), *A Companion to Classical Receptions*, Blackwell, 2011. p. 26-37.
- HALL, J. M. *Hellenicity: between ethnicity and culture*. Chicago 2002.
- HAVELOCK, Eric A., *The Literate Revolution in Greece and its Cultural Consequences*, Princeton: Princeton University Press, 1981.
- JACOB, C., *Géographie et ethnographie en Grèce ancienne*, Paris : Colin, 1991.
- KAHLES, W. R., *Strabon and Homer : the homeric citations in the Geography of Strabo*, Loyola University of Chicago, Ph.D., 1976.
- KALAVREZOU, I. “The twelfth-century byzantine illustrations in the Venetus A”, in DUÉ, Casué (éds.), *Recapturing a Homeric Legacy: Images and Insights from the Venetus A Manuscript of the Iliad*, Cambridge, Massachusetts, and London, 2009, p. 117-132.
- KONSTAN, D., “To Hellēnikon ethnos: ethnicity and the construction of Ancient Greek Identity”. In: MALKIN, Irad (éds.) *Ancient Perceptions of Greek Ethnicity*, Cambridge, Massachusetts, and London 2001, p. 29-50.
- LABARBE, J., *L’Homère de Platon*, Liège, 1949, rééd. Paris 1987.
- LÉVY, E., « Apparition des notions de Grèce et de grecs », dans : SAÏD, S., *ἙΛΛΗΝΙΣΜΟΣ. Quelques jalons pour une histoire de l’identité grecque*, Leiden, 1991. p. 49-69.
- MARCOZZI, D.; SINATRA, M.; VANNICELLI, P., « Tra epica e storiografia : Il « Catalogo delle navi », *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, 33, 1994. p. 163-174.
- MOST, G. W., “Canon fathers: literacy, mortality, power”. In: *Arion*, v. 1, n. 1, 1990. p. 37-60.
- _____, “How many Homers?”, SANTONI, A. (ed.), *L’autore multiplo*. Pisa, Scuola Normale Superiore, 18 Ottobre 2002, p. 1-14. Texte traduit en français par Marie BLAISE, dans 2009. A paginação indicada refere-se à edição de 2002.

NAGY, G., *Poetry as Performance. Homer and beyond*, Cambridge 1996, trad. fr. par J. Bouffartigue : *La poésie en acte : Homère et autres chants*, Paris 2000. A paginação indicadora refere-se a edição francesa.

_____, « L'èpe épique en auteur : la tradition des Vies d'Homère », dans CALAME, C. ; CHARTIER, R. (éd.), *Identités d'auteur dans l'antiquité et la tradition européenne*, Grenoble : Jérôme Millon, 2004, p. 41-67.

NORMAN, L. F., « Homère entre anciens et modernes, 1670-1770 », *Lalies (Actes des Sessions de Linguistique et de Littérature)*, 25, Paris, 2005, p. 59-110.

PAPADOPOULOU-BELMEHDI, I. « Hésiode, Homère, Hérodote : forme catalogique et classifications génériques », *Kernos* (Actes du X^e colloque du CIERGA), 2006. p. 1-16. Disponível em : <http://kernos.revues.org/432?lang=en#text> (Acesso: 31/05/2013).

PERCEAU, S., « Pour une réévaluation pragmatique du 'Catalogue' homérique : énonciation en Catalogue et performance poétique », dans VALETTE, Emmanuelle (éd.), *L'énonciation en Catalogue, Textuel*, n° 56, Paris 2008, p. 19-45.

RITOÓK, Zs., "The Pisistratus tradition and the canonization of Homer", *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, 34, 1993, p. 39-53.

VERDIN, H., « Les remarques critiques d'Hérodote et de Thucydide sur la poésie en tant que source historique », *Historiographia antiqua. Commentationes Lovanienses in honorem W. Peremans septuagenarii editae*, Leuven 1977, p. 53-76.

VIDAL-NAQUET, P., « Préface », dans DETIENNE, M., *Les Maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*, Paris 1967, rééd. Paris 2006, p. 41-49.